

LITERATURA E PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DE SIMÃO BACAMARTE NA OBRA O ALIENISTA DE MACHADO DE ASSIS À LUZ DA PSICOLOGIA DA MOTIVAÇÃO DE PAUL DIEL

Data de aceite: 02/10/2023

Gustavo Sampaio Montes

Professor especialista na Faculdade PIO XII. Professor das disciplinas de Análise experimental do comportamento, Teorias comportamentais e Teorias da Personalidade

Priscila Xavier de Araújo

Aluna do curso de Psicologia da Faculdade PIO XII

RESUMO: Os aspectos psicológicos denominados de nervosidade e banalidade são conceitos chave na psicologia de Paul Diel, chamada de psicologia da motivação. Este artigo pretende fazer uma correlação dos principais conceitos de Paul Diel com o personagem principal do conto, “O Alienista”, de Machado de Assis. Para isso foi utilizada a análise de discurso qualitativa e pesquisa bibliográfica. A conclusão é de que Simão Bacamarte preenche os critérios necessários para encaixar-se dentro das características psicológicas de nervosidade, segundo psicologia de Paul Diel.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Alienista, Machado de Assis, Paul Diel, Psicologia, Nervosidade.

LITERATURE AND PSYCHOLOGY: A PSYCHOLOGICAL ANALYSIS OF SIMÃO BACAMARTE IN THE WORK O ALIENISTA BY MACHADO DE ASSIS IN THE LIGHT OF THE PSYCHOLOGY OF MOTIVATION BY PAUL DIEL

ABSTRACT: The concepts of nervousness and banality are key concepts in Paul Diel’s psychology, called the psychology of motivation. This article intends to explain the main concepts of Paul Diel with the main character of the short story, O Alienista, by Machado de Assis. For this, qualitative discourse analysis was used. The conclusion is that Simão Bacamarte fulfills the necessary criteria to fit within the psychological Gording to the psychology of Paul Diel.

KEYWORDS: Myth, Alienist, Machado de Assis, Paul Diel, Psychology.

1 | INTRODUÇÃO

Ao longo do artigo, serão analisados os comportamentos de Simão Bacamarte, personagem principal do conto O Alienista, sob a ótica dos conceitos da psicologia de Paul Diel, para assim, demonstrar o tipo

psicológico no qual o personagem encaixa-se e os motivos pelos quais ele é classificado de tal forma.

Ao longo do artigo será explicado mais detalhadamente a psicologia de Paul Diel, principalmente os conceitos de nervosidade e banalidade, tidos como centrais em sua corrente psicológica. Também será descrito um resumo do conto de Machado de Assis, com ênfase nos comportamentos do personagem principal da obra, Simão Bacamarte. Pretende-se, ao longo do artigo, analisar o comportamento do personagem Simão Bacamarte tendo em vista os conceitos da psicologia de Paul Diel: banalidade e nervosidade, que serão explicados ao longo do trabalho.

2 | MÉTODO

Neste trabalho, foi utilizado o método de análise de conteúdo qualitativa¹ sobre a obra de Machado de Assis intitulada *O Alienista* e o livro de Paul Diel chamado *O Simbolismo na Mitologia Grega*.

Análise de conteúdo qualitativa é uma técnica que permite, a partir de um determinado texto, seja ele documento, livros, teses etc., deduzir certas características que seus autores invariavelmente produziram, sejam elas explícitas ou implícitas ao longo da obra.

Ainda foi realizada uma pesquisa bibliográfica² com base a artigos, teses e dissertações.

Também foi feita uma pesquisa online no banco de dados gratuitos da plataforma Periódicos, CAPES, e no google acadêmico a partir das palavras “Paul Diel” e “O Alienista”. Não foi encontrado nenhum resultado na busca que relacionasse os dois autores, apesar de encontrados materiais sobre *O Alienista* e loucura de forma mais ampla, principalmente relacionadas a Michel Foucault.

3 | LITERATURA E PSICOLOGIA

Há uma forte correlação entre literatura e psicologia, na medida em que a literatura expressa as condições humanas mais diversas, como a glória, a ruína, o poder, o amor, diferentes tipos de características de personalidade como timidez, insegurança, coragem, medo, e inumeráveis vícios e virtudes que correspondem aos sentimentos e comportamentos humanos.

O trabalho publicado de Karin Barber (2007, p.103, tradução nossa)³ pela

1 A Análise de Conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico, ocorrendo um impulso entre 1940 e 1950, quando os cientistas começaram a se interessar pelos símbolos políticos, tendo este fato contribuído para seu desenvolvimento; entre 1950 e 1960 a AC estendeu-se para várias áreas. Portanto, esta técnica “existe há mais de meio século em diversos setores das ciências humanas”, sendo anterior a Análise de Discurso.

2 “A pesquisa científica é iniciada por meio da pesquisa bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema problema da pesquisa a ser realizada.”(ANGÉLICA et al., 2021, p. 65)

3 “Texts are central to understanding what it is to be a person, in every culture. If you were brought up on modern western European literature, you will be familiar with the idea that works of literature offer a “window onto consciousness” or

universidade de Cambridge, o autor comenta:

“Os textos são fundamentais para entender o que é ser uma pessoa, em todas as culturas. Se você foi criado na literatura moderna da Europa Ocidental, estará familiarizado com a ideia de que as obras literárias oferecem uma “janela para a consciência” ou acesso privilegiado à experiência de outras pessoas.”

Este pensamento parece estar de acordo, de forma implícita e explícita, com alguns dos autores mais influentes da psicologia, que se baseiam na literatura (em forma de mitos, contos de fada e outros gêneros literários) para explicar processos psicológicos. Por exemplo, o que fez Freud com a tragédia grega de Édipo Rei, de Sófocles, ou mesmo Jung, que vê nos mitos toda sorte de descrições de tipos humanos e chega a escrever mais detidamente sobre o tema em seu livro intitulado “O Espírito na arte e na ciência” (JUNG, 1985).

No Brasil, a pesquisa bibliográfica aponta que a obra de Machado de Assis encontra-se amplamente relacionada com o pensamento de Michael Foucault, que aponta para as questões de relação de poder e saberes dos médicos em relação ao restante da sociedade e utiliza “O Alienista” como plano de fundo como exemplo da teoria Foucaultiana. (GOMES, 1994; ELAINE, 2009; MARIA et al. 2014) e até mesmo relacionada com a moral Nietzscheana. (RIBEIRO, 2014).

Apesar da produção acadêmica relacionar O Alienista com Michael Foucault, este não será o enfoque deste trabalho. Ao longo deste artigo será feita uma relação entre a obra de Machado de Assis do ponto de vista de que o autor faz uma sátira ao materialismo e o positivismo tão presentes na época em que o autor escreve seu conto.

3.1 A psicologia de Paul Diel

Os mitos para Paul Diel tratam em geral de dois aspectos da vida humana: a causa primeira da vida (o tema metafísico) e a conduta sensata de se ter na vida prática (o tema ético). Para o autor, os mitos expressam verdades psicológicas em linguagem simbólica, como o raio de Zeus que ilumina a escuridão (simboliza nossos “insights” psicológicos), por exemplo. Em sua obra, Paul Diel embasa sua psicologia como derivada das análises dos mitos gregos, para isso, realiza a exegese dos mitos tendo em vista compreender o sentido dos contos mitológicos, ou da mitologia, e extrair sentido delas.

Para o autor existem três diferentes instâncias ou fenômenos naturais sob quais os mitos foram sendo formados ao longo da história humana, tais fenômenos seriam: o cósmico, o meteorológico e o agrário. Estes fenômenos ocorrem simultaneamente no curso da história primitiva da humanidade e serão explicados abaixo.

A medida em que os seres humanos pré-históricos deixaram de ser nômades e passaram a se fixar e viver em um mesmo local, a observação da influência dos astros passou a ganhar mais importância, pois a vida passava a depender cada vez mais dos

privileged access to other people's experience.”

ciclos naturais, da época de colher, de plantar e assim por diante. Diante desta situação, os homens começaram a enxergar intencionalidade nestes fenômenos naturais, tanto para o bem como para o mal, quanto em sua ajuda, quanto para sua ruína.

De acordo com o autor:

“A alternância entre a aparição do sol e da lua era imaginada como consequência de um combate ao qual as divindades entregavam-se sem descanso a fim de ajudar ou prejudicar os homens. A estação das sementeiras que precede o inverno, bem como o início da primavera e, finalmente, todos os solstícios, eram marcados por comemorações. O nascer do dia, a chuva fecundante, eram recebidos como dádivas. O homem consagrava preces às divindades para agradecer-lhes ou implorar-lhes algo.” (DIEL, p.15)

Quando o ser humano passou a sustentar uma cultura agrária, a complexidade de seus pensamento, de suas ideias e expressões ficaram mais complexas do que na época em que Paul Diel chama de “primitivismo animista”. A imaginação humana passou a criar símbolos para explicar de modo mais preciso suas ânsias e dúvidas existenciais.

Diante da necessidade de lidar com seus sentimentos mais íntimos, Paul Diel parte do princípio de que todos os seres humanos possuem a capacidade de realizar uma observação íntima, inerente ao próprio homem. Porém, essa observação pré-consciente é muitas vezes negada, sendo um sinal de que é carregada de uma espécie de vergonha, sendo precisamente este o motivo de não se aprofundar com facilidade nesta introspecção, mesmo atualmente.

3.2 Sublimação ou recalçamento como fenômenos psíquicos

A psicologia humana pode ser derivada dessa vergonha e da atitude que se pode ter em relação a ela, que são chamadas de sublimação ou recalçamento. A primeira, de caráter positivo e a segunda, negativo. Os símbolos mitológicos esconderiam por trás de si mesmos uma análise dessa vergonha repressiva, ou de sua confissão, que seria sublimação.

Após ter passado por toda essa complexidade de aquisição de simbolização e ao progressivo ganho de consciência, o homem não pôde mais refugiar-se em seus aspectos psíquicos mais instintivos como fizera outrora, mas deveria progredir em direção a conscientização de suas motivações mais secretas. Porém, esse movimento é difícil de se fazer e o homem pode terminar por se esconder em sua afetividade e assim, achar uma justificativa meramente imaginativa de suas intenções, acabando por falsificar suas motivações mais profundas. Esse movimento possui um caráter deformador do desenvolvimento da personalidade humana, que causa uma vergonha secreta. Diante desta vergonha pode-se ter dois tipos de atitude, o recalçamento ou a espiritualização/sublimação. Nas palavras de Paul Diel a espiritualização:

[...] significa tão somente a confissão da mentira e, em consequência, sua dissolução. O caminho do recalçamento, é de longe, a reação mais frequente nos homens, pois o amor-próprio obriga cada qual a esconder suas verdadeiras motivações, frequentemente inconfessáveis, e as ornamentações

de motivações carregadas de uma sublimidade mentirosa. As consequências dessa constante preocupação extra consciente são da mais alta importância para a vida humana em geral e, conseqüentemente, para a interpretação dessa imagem da vida que é constituída pelos mitos. (DIEL, 1991, p.20).

Para o autor, as motivações falseadas irão falsear também as ações, gerando conseqüências para a vida humana. O tema dos mitos é constituído justamente desta necessidade que o homem possui de tentar vencer tais falseamentos. E o meio possível, e somente este, seria reinterpretar de forma correta as motivações que estavam sendo falseadas, ou seja, corrigi-las.

A própria natureza humana indica quando o homem está falsificando suas motivações, gerando angústia e mal-estar, ao passo que quando o homem está trilhando um caminho de reinterpretação de suas motivações, que movem os seus atos, ele funciona de forma mais harmônica e surge o deleite como conseqüência.

3.3 Nervosidade e Banalização

Tendo em vista os conceitos de recalçamento e sublimação explicados acima, Paul Diel deriva da falha em lidar com os afetos, ou seja, o recalçamento, a noção de nervosidade e banalidade.

Para o autor, existem dois principais fenômenos pelos quais a interpretações errônea das motivações básicas pode nos afetar. A nervosidade ou a banalidade. Nas palavras do autor.

A lei psíquica e sua justiça imanente impõe ao homem, para seu próprio bem essencial, orientar-se rumo ao sentido diretivo evolutivamente imanente à vida, sob pena de tornar-se vítima da desorientação vital, manifesta pela deformação psíquica sob uma de suas formas: *nervosidade* (exaltação em direção ao espírito) ou *banalização* (exaltação dos desejos materiais e sexuais. (DIEL, 1991, p.38).

Para exemplificar o que seria a nervosidade, o autor utiliza o mito de Ícaro, que ao pensar ser mais do que era, acaba por exaltar-se em direção ao espírito, achando-se digno de “estar ao lado do sol” que simboliza o sagrado e o majestoso, porém, a conseqüência desse erro psicológico é a sua queda no mar, que significa sua dissolução. Ícaro possui asas “mecânicas” feitas pelo seu pai, com cera e penas das aves coletadas por eles, ou seja, a elevação humana é limitada e possível somente até certo ponto, isso é indicado pelas asas artificiais. Ícaro quis alcançar um patamar angélico, ou semidivino, como os semideuses filhos dos deuses do Olimpo com algum mortal, ou seja, de seres que possuem asas naturais ou a potência natural de voar, que não se desfazem com a queimadura, como as suas asas mecânicas, artificiais. Ícaro, não sabendo diferenciar tal fenômeno, acaba por pensar ser digno de voar mais alto do que realmente podia, o que indica uma exaltação em relação ao espírito, e conseqüentemente e sua queda como punição de sua exaltação imaginativa.

Para explicar a banalidade, este trabalho toma como referência o mito de Midas. Tal mito foi escolhido, explica o autor, por condensar tanto a disposição luxuriosa que o banal possui, como a sua falsa ilusão de que a riqueza o protegerá de todos os males da vida. Paul Diel inicia o mito de Midas fazendo referência ao deus Dionísio, “[...]símbolo de prazer elevado ao excesso, é o que mais aprecia a farsa e o escárnio” (DIEL, p.126). Justamente por conhecer Midas, Dionísio, tendo ciência dos vícios de seu admirador, lhe concede um desejo. Midas então, pede para que tudo que toque, vire ouro, em outras palavras, pede riqueza ilimitada, pois a riqueza é o meio mais óbvio para obtenção de prazeres de todo o tipo. A realização do desejo do rei Midas já contém em si mesmo, o castigo pela tola escolha: até mesmo o pão que Midas toca para comer, vira ouro, tornando-se assim, impossível de ser ingerido. Podemos estender as consequências desde desejo imaginando que até mesmo as pessoas mais amadas pelo Rei virariam ouro quando ele as tocasse, ou seja, Midas desejou a própria privação de todo o prazer precisamente quando achava que havia o conseguido de modo ilimitado. Paul Diel comenta que o fato de Midas correr risco de morte corporal por inanição devido ao seu desejo, é símbolo da morte espiritual, devido à falta de alimento espiritual em detrimento do desejo de riqueza material ilimitada.

Midas então, percebendo a estupidez de sua escolha, se arrepende e reconhece que cometeu um erro, e, justamente por esta postura de humildade e aparente sabedoria, ganha uma chance de se redimir. Agora Midas é convocado para ser o juiz entre a arte de Pã, tocando a sua flauta e a de Apolo, dedilhando a sua lira. Pã é uma deusa ligada ao panteão de Dionísio, participando de suas orgias, já Apolo, é o deus oposto a Dionísio, representa a harmonia, a justa medida, e a ordem. Contudo, Midas é seduzido pela flauta de Pã em detrimento a lira harmônica de Apolo, mostrando mais uma vez, que no fundo não aprendeu com seu erro passado, pois não soube deduzir as implicações da sua escolha. No fundo, Midas repete a escolha pelos prazeres sensíveis em relação ao alimento espiritual, evidenciando que seu arrependimento ocorreu apenas por circunstâncias externas e acidentais e não por um arrependimento verdadeiro, sincero e interior. Após outra má escolha, Apolo lhe imputa orelhas de asno, para que seja símbolo de sua tolice. Midas então, se arrepende novamente. Contudo o que leva a arrepender-se não é a escolha de uma vida depravada em detrimento de uma vida regrada e harmônica, pautada em valores espirituais, ou seja, transcendentais, mas sim a vergonha da opinião pública, que iria ridicularizá-lo se vissem suas orelhas de asno. Midas então coloca um elmo frígio, povo que era conhecido por suas grandes orgias, ou seja, símbolo mais uma vez da depravação e da luxúria. Em outras palavras, Midas, tenta esconder seu sinal de ignorância adicionando a luxúria como solução.

Sobre a escolha de Midas, Paul Diel comenta:

“Este simbolismo (do elmo frígio) merece que nos detenhamos um instante, pois, denuncia um procedimento característico da banalização: a transformação da vergonha inibidora em bravata cínica, o contrário do

recalcamento e culpabilidade dos nervosos. Enganado pelo seu próprio estratégia, o banalizado chega assim, às custas de um agravamento de seu estado perverso, a crer-se mais esperto que seus semelhantes, a esconder sua fraqueza (orelhas de asno) pela exibição triunfante do vício (capuz frígido), exibição vaidosamente tomada por uma força, uma audácia invejável” (DIEL, 1991 p.128)

Porém, angustiado e temeroso de que alguém descubra as suas orelhas, Midas apresenta uma estratégia surpreendente, estranha, revelando o desespero de quem se mantém nesta condição psicológica de banalidade, Midas cava um buraco na areia, enfia a sua cabeça neste buraco e grita: “O rei Midas tem orelhas de asno”. Tal estratégia é o oposto da confissão libertadora e curativa de seu erro. O buraco na areia é símbolo do subconsciente, ou seja, incapaz de admitir ou confessar seu erro, Midas recalca seu segredo na esperança de que ele desapareça, porém, o recalque sempre aparece nas entrelinhas da postura do banal, fazendo seu segredo recalcado lhe escapar entre os dedos tanto mais forte a intenção de escondê-lo. Isso é simbolizado pelo final da fábula, em que um Junco, símbolo da tendencia da alma pervertida a curvar-se aos ventos de todo o tipo de opinião, cresce exatamente no local onde Midas cavou seu buraco e que espalha a todos os ventos que passam por ele o seu grande segredo para todo o mundo: “O rei Midas tem orelhas de asno”.

4 | DISCUSSÃO

4.1 O Alienista e Simão Bacamarte

O Alienista, foi publicado em 1882, no fim século XIX, um século em que o positivismo⁴ e o materialismo⁵, eram doutrinas científicas dominantes e que constituíam o “espírito” da época. Não por acaso o conto é classificado como uma obra realista, gênero literário que foi muito influenciado pelo cientificismo da época, do qual o positivismo e o materialismo citados faziam parte.

O positivismo e o materialismo não influenciaram apenas as áreas técnicas, mas também a própria cosmovisão da época e a visão mesma do homem. É possível notar também que o “caldo cultural” que influenciou a psicologia moderna, ou a inauguração da psicologia como ciência, ocorreu, não por coincidência, em 1879, apenas 3 anos antes da publicação do livro de Machado de Assis. (SCHULTZ, SYDNEY, 2015).

José Maria Machado de Assis (1839-1908) é reconhecidamente um dos maiores escritores da história da literatura brasileira. Ao longo de sua carreira como escritor, publicou vários tipos de obras, como romances, contos e poemas.

4 “Corrente filosófica de Auguste Comte (1798-1857), que surgiu como reação ao idealismo, cuja proposta é dar à filosofia um caráter distante da teologia e da metafísica, e considerar como único e verdadeira o conhecimento humano, baseando-se apenas em fatos da experiência; filosofia positiva, comtismo” (POSITIVISMO, 2023).

5 “Doutrina, teoria ou princípio segundo o qual a matéria física é a única realidade, e que por meio dela se explica a existência dos seres, processos e fenômeno” (MATERIALISMO, 2023).

A obra, *O Alienista*, dentro dos estudos literários é classificada como um conto. Foi publicado primeiramente entre os meses de outubro de 1881 e maio de 1882 em formato de capítulos em um periódico da época chamado *A Estação: Jornal ilustrado da família*. Em 1882 foi incluído pelo próprio autor na coletânea *Papéis Avulsos*, que reunia vários contos de diferentes épocas e que foram publicados em vários locais deferentes. (CRESTANI, 2011).

Vale ressaltar que Crestani (2011) coloca a sátira como elemento unificador dos vários textos escolhidos por Machado para compor *Papéis Avulsos*.

O conto se passa quando um renomado médico, e no caso dos que cuidavam da saúde mental: Alienistas, chamado Simão Bacamarte, decide deixar Portugal e mudar-se para Itaguaí, uma cidade de interior do Rio de Janeiro.

Nesta cidade o Simão recorre a câmara de vereadores, com sucesso, para abrir um local onde os que eram considerados loucos fossem internados. Este local se parece muito com o que futuramente viria a ser chamado de manicômio. Porém, na obra ganha o nome de Casa Verde.

Ao longo da história, Simão mostra-se um homem de grande rigor científico, levando até as últimas consequências tal posição a ponto de escolher sua esposa exclusivamente por critérios científicos.

Porém, ao longo da história, Bacamarte vai desenvolvendo seus conceitos sobre saúde mental e vai ficando cada vez mais sensível a qualquer comportamento que considerasse anormal. Ele interna cerca de 75% da população da cidade na Casa Verde. Contudo, após refletir e analisar os fatos, conclui de que ele mesmo não estava em posse de sua mental e que iria desenvolver um novo método de tratamento internando-se sozinho em sua Casa Verde. Chegou a falecer de modo solitário no final da história.

4.2 Simão Bacamarte, o Positivismo e a Nervosidade

Ao analisar o conteúdo da obra *O Alienista*, pode-se interpretar que Machado de Assis faz uma sátira ao positivismo através do personagem Simão Bacamarte, mostrando como na prática, seria inviável viver levando-se em conta a filosofia positivista/materialista de forma tão rigorosa.

Contudo, no livro, Simão Bacamarte agia e pensava como positivista/materialista e é através do exagero em relação a ciência e seus limites que o fenômeno da nervosidade irá se manifestar. Pode-se notar já no início do livro quando diz ao “[...] el-rei” de Portugal o motivo por não ficar no país: “— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo”. (ASSIS, 1994).

Um pouco mais a frente, também destaca-se o seguinte trecho sobre como raciocinava Simão Bacamarte:

“Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco,

admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas,—únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.” (ASSIS, 1994, p.1 e 2)

Ou seja, fica claro que a motivação do personagem principal para casar-se era baseado exclusivamente em critérios científicos, no caso, por critérios objetivos de procriação, preterindo de qualquer outro princípio motivador, por mais humano e não científico que fosse, como uma personalidade agradável ou pela beleza. Tal exaltação do método científico da época e a forma exagerada como ele se utiliza da ciência também mostra como Simão estava agindo em conformidade dos princípios de nervosidade, de Paul Diel. Com toda sua ironia, no parágrafo seguinte ao da escolha de Simão por sua esposa, Machado diz que Dona Evarista era infértil, demonstrando assim, a imprevisibilidade da vida humana que nenhuma ciência consegue proporcionar e que Simão perseguia tanto.

Ao longo da jornada do personagem no conto, Simão apresenta comportamentos cada vez mais exagerados sobre seus critérios para internação das pessoas na Casa Verde. Exemplo disso, foi quando conversou com o barbeiro da cidade, Crispim Soares, sobre o costume de um outro cidadão, Machado diz que “Uma volúpia científica alumiu os olhos de Simão Bacamarte”. (ASSIS, 1994, p.13).

No final do conto, Simão Bacamarte apresenta uma fala essencial para mostrar como seu mundo e suas decisões eram pautadas apenas por razões científicas de modo exaltado e inflado, características próprias da nervosidade, quando decide internar-se na Casa Verde dizendo à sua esposa e ao padre da cidade: “—A questão é científica, dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática.” (ASSIS, 1994, p. 35).

Após este episódio, Machado narra como foi o fim de Simão na Casa Verde e a questão científica continua a ser um papel relevante, “Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo.” (Assis, 1994, p.36)

5 | CONCLUSÃO

A noção de que era um grande médico e de que estava fazendo algo único e especial é característico do processo psicológico de nervosidade. Dizer que reúne em si mesmo a teoria e a prática também é um indicativo de exaltação imaginativa, que é um traço associado ao conceito de nervosidade, bem como sua consequência mais trágica, internar-se com a intensão de ser o remédio para si mesmo e terminar falecendo por conta de tal ideia.

Se no mito de Ícaro, o personagem voa mais alto do que poderia devido a sua

exaltação imaginativa e depois cai no mar, Simão Bacamarte ao dizer reunir em si mesmo toda teoria e a prática e internar 75% da população de Itaguaí, também faz o seu voo de Ícaro, e assim como ele, termina por cair.

Um destino trágico, característico dos personagens da mitologia grega que são tomados pela nervosidade na análise de Paul Diel.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M.de. **O Alienista**. Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. II 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000231.pdf>> acesso em 27/07/2023

AZEVEDO, E. F. M. F. e “**O Alienista**” de Machado de Assis. Disponível em:< <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14286@1>>Acessado em 26/07/2023.

BARBER, K. Text and personhood. In: _____ The Anthropology of Texts, Persons and Publics, New Departures in **Anthropology**, Cambridge: Cambridge University Press. 2007 p.103 -136.

ANGÉLICA, S.de S., et. al. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83/2021

CRESTANI, J. Luís. **Machado de Assis e o processo de criação literária**: estudo comparativo das narrativas publicadas na Estação (1879- 1884), na Gazeta de Notícias (1881-1884) e nas coletâneas Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1884). 2011. 2 v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103629>>. Acessado em 27/07/2023

MARCO, A. S. R. **Era o Alienista um alienado: a dissolução do limite entre a loucura e a sanidade na obra O Alienista de Machado de Assis a partir da perspectiva Nitzcheniana sobre a moral**. Kínesis, Vol. VI, nº 11, 61 Julho 2014, p. 60-70

DIEL, P. **O simbolismo na mitologia grega**. 1ª edição brasileira. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

GOMES, R. **O Alienista: loucura, poder e ciência**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994).

JUNG , C. G. **Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARIA, V. A. et al. **A razão e a loucura na literatura: um estudo sobre o alienista, de Machado de Assis**. Revista Psicologia e Saúde, v. 6, n., p. 37-47, 1, jan. /jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2014000100006>. Acesso em: 24/07/2023

MATERIALISMO. In: **MATERIALISMO**, Dicionário Online de Português. Michaelis, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=materialismo>>. Acesso em: 26/07/2023.

POSITIVISMO. In: **POSITIVISMO**, Dicionário Online de Português. Michaelis, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/positivismo>>. Acesso em: 26/07/2023.

SCHULTZ. P.S; SYDNEY. E.S. **História da Psicologia Moderna**. 10 edição, CENGAGE Learning, 2015